

SAÍZ, Carmen Llamas. Interpretação do discurso alheio: a anáfora conceptual metafórica na notícia de periódico. *ReVEL*, vol. 13, n. 25, 2015. Tradução Matheus Odorisi Marques. [www.revel.inf.br].

INTERPRETAÇÃO DO DISCURSO ALHEIO: A ANÁFORA CONCEPTUAL METAFÓRICA NA NOTÍCIA DE PERIÓDICO¹

Carmen Llamas Saíz²

cmlamas@unav.es

RESUMO: A persuasão nos textos informativos se produz por intermédio de recursos linguísticos não explícitos. Um deles, relativamente frequente na notícia periodística, é a anáfora conceptual metafórica. Mediante esse procedimento, que remete ao conteúdo expresso anteriormente no texto, o jornalista pode também fazer referência às palavras ditas por outros e à intenção com a qual essas palavras foram enunciadas. O estudo desse fenômeno, assim como os registros obtidos da imprensa espanhola, mostram como a metáfora permite ao autor da notícia conceber e também interpretar um ato linguístico a partir de uma realidade diferente; em alguns casos, com uma notável carga axiológica.

Palavras-chave: Discurso; Interpretação; Metáfora; Anáfora conceptual; Atos de Fala.

1. CARACTERIZAÇÃO DA ANÁFORA CONCEPTUAL

A anáfora conceptual é um procedimento de coesão textual empregado com notável frequência na notícia jornalística. Trata-se de um mecanismo de natureza nominal, cuja função anafórica e referencial possibilita a vertebração informativa do texto (cf. CONTE, 1996: 1). Os seguintes exemplos ilustram o funcionamento desse recurso coesivo: os sintagmas lexicais *o incidente* (1) e *essa decisão* (2) desempenham função anafórica no texto, pois resumem a informação contida em um fragmento

¹ Artigo inscrito originalmente no Projeto de Pesquisa “El discurso público: estrategias persuasivas y de interpretación”, em 2010 desenvolvido pelo Grupo Análise do Discurso Universidade de Navarra (GRADÚN, <<http://www.unav.es/centro/analisisdeldiscurso>>) no centro do Instituto Cultura y Sociedad (ICS) da Universidade de Navarra. A tradução foi realizada por Matheus Odorisi Marques, aluno de doutorado do programa de Pós-Graduação Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e contou com a revisão da autora.

² Professora de Linguística e Língua Espanhola da Universidad de Navarra.

anterior e se remete a ela³. Como se pode perceber, nos encontramos diante de unidades que discursivamente permitem a coesão da trama do texto:

- (1) *David, uma criança de três anos, dormiu no ônibus a caminho do colégio Hispanidad, n`A Vila Joiosa, e passou outras quatro horas desaparecido. O **acidente** teve um final feliz, mas acarretou a indignação de seus pais, porque a direção do centro o omitiu. Os progenitores denunciaram o fato para a Guarda Civil (El País, 12/10/2009).*⁴
- (2) *O governo britânico anunciou hoje que ordenou às empresas de finanças britânicas que não façam negócios com o Banco Mellat nem com a companhia Transporte Marítimo da República Islâmica do Irã, ambos iranianos, uma medida que foi criticada pelo assessor do presidente iraniano, Mahmud Abmadineyad. **Essa decisão** deve-se, segundo as autoridades britânicas, ao risco significativo que implicam para os interesses nacionais do Reino Unido as atividades do Irã que favorecem o desenvolvimento e a produção de armas nucleares” (El País, 12/10/2009).*

Entre os trabalhos dos autores que têm se ocupado desse fenômeno – que recebeu também as etiquetas de *anáfora resumitiva* ou *encapsulação anafórica* – cabe destacar, por ordem cronológica, os de Moirand (1975), Sinclair (1983), D`Addio (1988), Descombres e Jespersen (1992), Conte (1996), Borreguero (2006) e González (2008 e 2009). Em um trabalho recente, expus, a partir das pesquisas anteriormente mencionadas – especialmente a de Borreguero (2006) sobre a anáfora conceptual na notícia de jornal –, a natureza e a função desse procedimento de coesão textual (cf. LLAMAS, 2010: 148-149). Resumo aqui essa caracterização geral que será tomada como base nas linhas que seguem:

- a) Do ponto de vista sintático, encontramos-nos diante de um sintagma nominal definido, tal como vimos nos exemplos (1) e (2): *o acidente, essa decisão*.
- b) Semanticamente, seu significado é pleno – diferente de outros elementos dêiticos com função fórica, como no caso de alguns pronomes e dos demonstrativos neutros – e sua natureza é inclusiva ou sintetizadora⁵.
- c) No que diz respeito a sua função, é um elemento anafórico que, em um novo sintagma, apresenta parte – em algumas ocasiões, a totalidade – do conteúdo discursivo anterior.

³ Em todos os casos, marca-se em negrito o termo que funciona como anáfora e se assinala em itálico o fragmento a que faz referência. Nas páginas que se seguem, os termos anáfora conceptual ou encapsulação anafórica são usados para fazer referência à função coesiva textual, enquanto as denominações de anáfora ou encapsulador são as etiquetas dos sintagmas que desempenham dita função.

⁴ Na sua maioria, os exemplos foram tirados dos principais jornais de tiragem nacional: El País, El Mundo e ABC. Foram consultadas suas respectivas hemerotecas online.

⁵ Frequentemente, trata-se de uma nominalização – é o caso do substantivo *decisão* no exemplo (2). Esse fato não é de se estranhar, pois, como observa Azpiazu (2004: 66), “nominalizar um predicado consiste em sintetizar em um só conceito a informação que cabe em um juízo”. Cf. González Ruiz (2010) a propósito da nominalização e construção discursiva nas notícias periódicas.

d) Do ponto de vista informativo, “o sintagma nominal aparece, em geral, na posição temática, isto é, ocupa as primeiras posições da oração, como costuma ser habitual nos elementos informativamente dados” (BORREGUERO, 2006: 77). Pode-se apreciar esse fato nos exemplos (1) e (2), assim como no proposto a seguir (3), em que o sintagma *o plano* situa-se em posição inicial por se tratar de um elemento já conhecido. Efetivamente, seu conteúdo semântico não pode ser considerado informação nova, porque, na verdade, resume a anterior:

(3) *A Reserva Federal (Fed) dos Estados Unidos, o Banco Central Europeu (BCE), o Banco da Inglaterra, o Banco do Canadá e o Banco da Suíça firmaram hoje um acordo para fazer frente de maneira coordenada à crise global de liquidez, segundo anúncio da Fed. O plano dos bancos centrais busca afrontar o que o Fed definiu como “pressões elevadas” nos mercados creditícios. [...]. (El País, 12/12/07).*

Para os objetivos do presente trabalho, centrado na interpretação do discurso alheio por meio da anáfora conceptual metafórica, interessa-nos destacar, desse modo, que a anáfora “não é genericamente um elemento informativamente neutro”, como oportunamente aponta Borreguero (2006: 77). Por esse motivo, com frequência, leva valores argumentativos a textos que, em princípio, devem tender à objetividade⁶. Esse fato já foi destacado em uma pesquisa anterior, dedicada de modo mais geral ao fenômeno da anáfora conceptual metafórica; nela se documentaram diversos casos de notícias nas quais o jornalista retomava o discurso precedente servindo-se de um encapsulador metafórico (cf. LLAMAS, 2010). Este, além de cumprir as já mencionadas funções anafóricas e referenciais, permitia ao autor interpretar uma realidade tomando como fundamento outra de caráter menos abstrato. Veja o seguinte exemplo como demonstração (4). Nele, o processo “preparar um plano” se categoriza por meio do encapsulador *luta*. A metáfora conceptual que se esconde nas entrelinhas é a que UM PROCESSO É UMA GUERRA, na qual se estabelecem similaridades entre fazer planos para solucionar um problema e planejar uma estratégia bélica. Nesse sentido, as medidas que o Governo pretende tomar se interpretam no âmbito de um combate:

(4) *Espanha prepara um plano integral contra o tráfico de pessoas destinado à exploração sexual. A embaixadora especial para os Direitos Humanos, Silvia Escobar, apresentou as diretrizes ontem em Viena, no centro da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE), impulsora dessa luta que requer tanto medidas nacionais como estreita colaboração transfronteiriça (El País, 12/09/2007).*

⁶ Alguns autores como Moirand (1975), Pelo (1986), D`Addio (1988), Borreguero (2006) e González Ruiz (2008) constataram a frequência com que o fenômeno da anáfora conceptual se produz na notícia de periódico, pois é um gênero que trata de oferecer a maior quantidade de informação em textos de extensão reduzida.

Nas páginas seguintes pretendo expor de maneira mais concreta o modo como a anáfora conceptual metafórica é aplicada para interpretar, no âmbito da notícia de periódico, o discurso alheio; isto é, as palavras e as intenções de um enunciador que não é o próprio jornalista. Nesses casos, o autor do texto retoma as palavras pronunciadas por alguém e encapsula metaforicamente o ato linguístico por meio de uma determinada anáfora, de tal modo que o principal enunciador do discurso aplica valor de um modo sutil ao ato linguístico pronunciado por outro(s). A eleição de um ou outro encapsulador, de uma ou outra metáfora conceptual, guia a interpretação discursiva para uma determinada direção.

O fenômeno é complexo e apresenta múltiplas matizes. Para sua descrição, caracteriza-se sucintamente a categorização metafórica (§2); na sequência, o trabalho centra-se no modo como, na notícia periódica, alguns processos verbais são designados metaforicamente por uma anáfora conceptual (§3); e, por último, à luz dos exemplos oferecidos, comenta-se a carga axiológica desse recurso (§4).

2. CATEGORIZAÇÃO METAFÓRICA E ARGUMENTAÇÃO

Mesmo que a anáfora conceptual possa ser entendida como um caso de metáfora gramatical⁷, no presente trabalho, ocuparemos-nos unicamente daqueles exemplos em que um ato linguístico aparece categorizado por meio de uma determinada anáfora de natureza metafórica. É o caso da anáfora *ataques* na seguinte notícia:

(5) O PP decidiu fazer do temporal e da gestão do Fomento uma grande base de oposição para atacar a ineficácia do Governo. [...] Rajoy transformou a ministra do Fomento, Magdalena Álvarez, em seu maior argumento para elevar o tom de oposição, e a qualificou como “pesadelo”.

“É inaceitável que a Espanha tenha a frente da responsabilidade em matéria de Fomento uma ministra como a que tem. Resulta simplesmente inaceitável e peço sua demissão”.

⁷ Halliday (1994, §10) considera precisamente a nominalização, que frequentemente tem a função de anáfora conceptual, como um tipo de metáfora gramatical; de fato, o mais frequente de todos. Na opinião desse autor, cabe falar de metáfora sempre que uma função semântica se realize por um meio que não lhe é habitual: “A metáfora é usualmente descrita como uma variação no uso de palavras: uma palavra é usada com um sentido transferido. Aqui, entretanto, estamos olhando sobre outra perspectiva, não perguntando “como essa palavra é usada?”, mas “como esse sentido é expresso?”. Um sentido pode ser realizado por uma seleção de palavras que são diferentes daquelas que de certa forma são típicas ou comuns. Dessa perspectiva, metáfora é a variação na expressão de sentidos”.

“Metaphor is usually described as variation in the use of words: a word is said to be used with a transferred meaning. Here, however, we are looking at it from the other end, asking not “how is this word used?” but “how is this meaning expressed?”. A meaning may be realized by a selection of words that is different from that which is in some sense typical or unmarked. From this end, metaphor is variation in the expression of meanings. (HALLIDAY, 1994: 341).

Assim terminou o líder popular no decurso de sua fala de apoio ao candidato galego, Alberto Núñez Feijóo, e ainda foi mais longe quando afirmou que a “ineficácia” do ministério de Magdalena Álvarez “se estendeu por terra, mar e ar” e disse que se [ela] continua a frente do cargo de ministra do Fomento é pela “soberba” do presidente do Governo e o “desprezo” aos cidadãos.

[...] em território favorável, Rajoy não se conteve em seus **ataques** à ministra, a quem inclusive outorgou o papel de agourenta. [...]. (El País, 11/01/2009).

As palavras de Rajoy – entre aspas e em itálico no texto – categorizam-se como um ataque, pois se interpreta seu discurso no âmbito de uma metáfora conceptual amplamente estendida: UMA DISCUSSÃO É UMA GUERRA (cf. LAKOFF; JOHNSON, 1980: 77-82)⁸. O jornalista emprega a anáfora *ataques*⁹ para resumir a intervenção de Rajoy no lugar de optar por um sintagma mais neutro, como seria, por exemplo, *críticas*. A escolha de um termo valorativo permite ao jornalista caracterizar, segundo seu próprio ponto de vista, o ato linguístico do enunciador que se faz comparecer, nesse caso, com um discurso de estilo direto. Desse modo, transfere-se aos leitores uma determinada imagem da pessoa que fala (cf. ESCRIBANO, 2009: 33-46)¹⁰ e, conseqüentemente, o relato da fala dos outros perde objetividade. Como destacaremos nos casos que se apresentam ao curso deste estudo, essa manipulação metafórica mediante a anáfora conceptual constitui uma estratégia discursiva de considerável importância na imprensa espanhola.

Como se pode apreciar nos exemplos (4) e (5), entendemos a metáfora em consonância com a perspectiva cognitiva (LAKOFF; JOHNSON, 1980; JOHNSON, 1987; KÖVECSES, 2002, entre outros), como um procedimento de caráter cognitivo que permite compreender e expressar ações e processos complexos servindo-se de conceitos mais básicos e conhecidos¹¹. Nessa linha, as anáforas conceptuais metafóricas a que nos referimos nesta análise juntam linguisticamente as correspondências ontológicas e epistêmicas que representam o conhecimento que se

⁸ Seguimos aqui a prática estendida aos trabalhos de linguística cognitiva: destaca-se em maiúsculas a metáfora conceptual (UMA DISCUSSÃO É UMA GUERRA) e reserva-se o itálico para as expressões metafóricas (*o ataque* deixou sem palavras o presidente).

⁹ Veja no Dicionário da Real Academia Espanhola (DRAE) (2001), s.v. *ataque*₅: ‘Impugnação, crítica, palavra ou ação ofensiva’. No âmbito bélico, a definição que este mesmo dicionário propõe é a seguinte: ‘Um um combate, empreender uma ofensiva’ (s.v. *ataque*₂). É preciso destacar que a acepção referida ao discurso é a quinta, o que nos leva a pensar que o conteúdo da ação bélica, que figura como segunda acepção, é que se transpõe à ação linguística.

¹⁰ Esta interpretação por parte do jornalista pode inclusive chegar a desautorizar o discurso alheio (cf. CASADO, 2010). Do mesmo modo, não seria surpresa se a valorização se produzisse em uma diferente direção segundo a linha ideológica de outro periódico.

¹¹ Para o propósito destas páginas, basta recordar aqui que o objeto de estudo da linguística cognitiva é a linguagem “como um instrumento de conceptualização, isto é, como veículo para expressar significado” (CUENCA; HILFERTY, 1999: 18). Assim, a categorização, como processo mental de organização do pensamento, realiza-se a partir de estruturas conceptuais, de relações prototípicas e de semelhança de família.

importa do domínio origem (por exemplo, UMA GUERRA) ao domínio destino (por exemplo, UMA DISCUSSÃO) (CUENCA; HILFERTY, 1999: 102).

Os *ataques* do exemplo (5) designam metaforicamente um ato linguístico – o domínio destino – graças a uma série de correspondências: as palavras de um personagem político se conceptualizam no âmbito de uma guerra na qual o discurso proferido se interpreta como um ataque. Essa conceptualização permite ver a realidade desde um novo prisma que destaca certos matizes e oculta outras. Desse modo, se o dito por alguém em um debate político se corresponde com um ataque, o debate assim se concebe como uma guerra na qual, por exemplo, haverá um vencedor e um vencido, um ganhador e um perdedor. A realidade, não obstante, pode ser distinta se, por exemplo, em uma discussão política chega-se a um acordo. Em consequência, como apontam Lakoff e Johnson (1980: 156),

Metáforas podem criar realidades para nós, especialmente realidades sociais. A metáfora pode ser um guia para uma ação futura. Essas ações irão, obviamente, adequar a metáfora. Isso irá, em consequência, reforçar o poder da metáfora para tornar a experiência coerente.¹²

Uma metáfora, ao enfatizar alguns aspectos sobre outros, pode contribuir para o desenvolvimento de uma linha argumentativa concreta em um meio de comunicação. De fato, a metáfora possui um potencial valorativo implícito. Assim, segundo Musolff (2004, §3), em determinados discursos, como é o caso do discurso político ou do discurso periódico, assumem-se certas pressuposições ou valorizações acerca da realidade¹³, que podem ser retomadas pelo jornalista por meio da anáfora conceptual metafórica.

¹² “Metaphors may create realities for us, especially social realities. A metaphor may thus be a guide for future action. Such actions will, of course, fit the metaphor. This will, in turn, reinforce the power of the metaphor to make experience coherent.”

¹³ Nessa mesma linha, Kövecses (2000: 82) considera que as metáforas conceptuais possuem um foco de significado principal, de modo que “cada fonte é associada com um sentido (ou sentidos) focal (ou focais) particular que é mapeado no alvo. Esse(s) sentido(s) focal(is) é(são) constituído(s) pelo conhecimento central que pertence a uma entidade particular ou um evento dentro de uma comunidade de fala. O alvo herda o principal sentido focal da fonte” (“[e]ach source is associated with particular meaning focus (or foci) that is (or are) mapped onto the target. This meaning focus (or foci) is (are) constituted by the central knowledge that pertains to a particular entity or event within a speech community. The target inherits the main meaning focus (or foci) of the source”). Assim, segundo esse autor, um domínio origem contribui para selecionar de um modo não arbitrário o material conceptual acordado por uma comunidade de falantes para a sua aplicação no domínio destino.

3. PROCESSOS VERBAIS DESIGNADOS METAFORICAMENTE: PALAVRAS E INTENÇÃO

As entidades a que a anáfora conceptual faz referência podem relacionar-se com os distintos tipos de processo que Halliday (1994, §5) distingue na sua *Introduction to functional grammar*. Segundo esse autor, os processos permanecem refletidos no período quando se desenvolve linguisticamente a função ideativa, que é aquela que permite ao falante construir uma imagem mental da realidade mediante a linguagem. Desse modo, a função ideativa descreve a experiência identificando o tipo de processo, assim como os atores e circunstâncias que o rodeia (1994: 107-109). Halliday descreve três processos básicos: os materiais, os mentais e os de reação, dos quais derivam outros três: os de conduta, os verbais e os existenciais¹⁴. Nesse sentido, e em relação com o tema que aqui nos ocupa, a anáfora conceptual permite resumir alguns desses processos, inclusive os atores e, ocasionalmente, as circunstâncias.

Nos processos verbais ou de DIZER, que aqui denominaremos também atos de fala ou atos linguísticos, encontramos um agente (*sayer*) e o dito (*target*): *falou de sua família, disse a verdade, mencionará o nome do ganhador* etc. Assim, foi comprovado que, efetivamente, existem anáforas de caráter axiológico que “não remetem aos conteúdos proposicionais de segmentos textuais prévios (anáforas DO DITO), mas, por sua vez, são anáforas DE RE, que retomam, interpretando-as, declarações, palavras ditas” (GONZÁLEZ, 2008: 253). Então, as anáforas que categorizam metaforicamente os processos verbais pressupõem uma interpretação do dito por meio de outra voz. De fato, como sugere González (2008: 253): “toda designação de um ato de fala inclui a conjectura sobre um ato intencional e, por isso, é interpretativa, não diretamente descritiva”. É possível observar no exemplo (6) – semelhante ao que ocorre em (5) – o modo como, por meio do encapsulador *esse combate*, o jornalista valora a força elocutiva e perlocutiva das intervenções de McCain e Romney em um ato político. Nesse caso, ainda, o autor da notícia resume primeiramente em estilo indireto o dito por meio de verbos *dicendi* como *acusar* e *criticar*, o que já pressupõe uma primeira interpretação do intercâmbio verbal:

(6)[...] *McCain, ácido e não tão polido retoricamente como seu rival, acusou Romney de ter insinuado uma saída precipitada do Iraque. Críticas construídas pelo senador do Arizona com a insistência de que ele foi o primeiro a recriminar a estratégia iraquiana de mínimos aplicada por Donald Rumsfeld e em respaldar o impopular envio de*

¹⁴ Para uma descrição de cada um desses processos e do modo como diferentes sintagmas funcionam como anáforas resumitivas metafóricas do conteúdo expresso por eles, veja Llamas (2010, §2.3).

reforços. Romney qualificou essas críticas como vergonhosas, baseadas em uma manipulação de suas palavras e fruto da debilidade que tem o estilo político de Washington de fazer campanhas negativas. Durante esse combate, os dois principais candidatos, com uma tensão exacerbada ao estarem sentados incomodamente um junto ao outro, esqueceram-se por completo do chamado “mandamento número um de Reagan, que sempre insistiu no imperativo de que os republicanos não deviam ventilar suas diferenças mediante críticas públicas. [...]. (ABC, 01/02/2008).

Foi visto anteriormente como a metáfora conceptual UMA DISCUSSÃO É UMA GUERRA é uma das mais frequentes em várias línguas e, portanto, a que dá origem a um maior número de expressões metafóricas. Pode ser considerada inclusive uma metáfora lexicalizada. Não obstante, caberia perguntar se seu uso é aplicável no âmbito noticioso, no qual sua aparição se converte em um recurso persuasivo. Ainda que se possa justificar seu emprego por se tratar de uma metáfora muito lexicalizada, não resta dúvida de que a carga valorativa não teria sido a mesma se o jornalista tivesse eleito outros encapsuladores como *esse debate*, *essa discussão*, ou até mesmo *esse enfrentamento*, termos menos marcados axiologicamente do que *combate*.

Pode ocorrer, contudo, que o processo verbal se retome mediante uma anáfora conceptual metafórica que não possua a força valorativa das mostradas anteriormente. Em (7), esse tipo de anáfora é ilustrada, expressão da metáfora conceptual UM DISCURSO É UM CAMINHO:

(7) *Os Estados Unidos retificaram o segundo informe Eizenstat, no que contradizia a versão espanhola e assegurava que Franco recebeu por suas exportações de tungstênio ouro saqueado por nazistas, segundo fontes espanholas em Washington. [...] A Espanha havia exposto discordância das asserções do estudo norte-americano, cujas conclusões sobre o comércio do tungstênio, na opinião de seus especialistas, não estavam provadas de maneira suficiente. Apesar desse passo para trás no ponto mais conflituoso para Espanha do informe Eizenstat (elaborado pelo subsecretário de Estado norte-americano), Enrique Múgica, presidente da comissão espanhola, enviou uma carta ao Congresso Mundial Judeu no qual admite a culpa moral pelas relações comerciais entre Franco e o regime de Hitler. [...]. (El País, 17/07/1998).*

Da mesma forma que avançamos ao caminhar, o fato de falar pode ser interpretado como um modo de progredir ao se colocar uma palavra atrás de outra. No momento em que retificamos algo que havíamos dito, retrocedemos nesse caminho. Dessa forma, voltamos às palavras que já foram pronunciadas e queremos mudá-las. Daí a correspondência que se estabelece entre retificar o dito e dar passos para trás. A anáfora *esse passo para trás* se apresenta aqui em contraposição aos casos anteriores – *esse ataque* (5) e *esse combate* (6), nos quais a metáfora conceptual em que se fundamentam está marcada valorativamente.

3.1. CLASSES DE ANÁFORAS DE NATUREZA METAFÓRICA

Borreguero (2006, § 3) distingue dois tipos de encapsuladores (ou anáforas): de um lado, as nominalizações, e de outro, os hiperônimos. Como se apontou em Llamas (2010: 152-156), no caso de sintagmas de caráter metafórico em função anafórica, apresentam especial relevância as nominalizações – isto é, substantivos deverbais – e, por outra parte, os substantivos não deverbais – não necessariamente hiperonímicos – utilizados metaforicamente. No exemplo (5), encontramos um substantivo verbal (*ataques*), enquanto que, no exemplo (8), estamos diante de um substantivo não verbal que foi empregado com sentido metafórico:

(8) A atitude categórica da Espanha na sua rechaça à nova divisão de poder na União Europeia faz crescer o pessimismo. Esse ambiente negativo foi evidente ontem no debate celebrado na junta do Parlamento Europeu. *Na busca de uma saída*,¹⁵ os líderes dos principais grupos assinaram uma resolução que será votada hoje em que propõem uma alternativa que daria à Espanha mais peso [...]

“*Há margem para ajustar as cifras*”, destacou Barón em sua intervenção. “*Todos sabemos as soluções que estão sobre a mesa e as alternativas possíveis*”, disse Méndez de Vigo em sua fala, ao mesmo tempo que censurava a “*obstinação*” da presidência italiana em não propor uma alternativa. “*Falem com a Polónia, com Espanha, com minha avó e com meu avô*”, reclamou o verde Daniel Cohn-Bendit. Apesar **dessa porta aberta**, o pessimismo é óbvio e ganha possibilidades a opção de que os líderes europeus aprovelem uma Constituição manca, deixando estacionado para futuro um pacto sobre a divisão de poder [...]. (El País, 04/12/2003)

É preciso deter-se um pouco mais em ambos exemplos, pois a valoração que o jornalista faz do discurso alheio manifesta-se gramaticalmente de diversas maneiras. No fragmento (5), exposto anteriormente, o autor elege o verbo *atacar* como designador de um determinado ato linguístico: “O PP decidiu fazer do temporal e da gestão do Fomento uma grande base de oposição para atacar a ineficácia do Governo”. A seguir, se apresentam as palavras de Mariano Rajoy e encerra-se a reprodução do discurso do líder da oposição com a anáfora *seus ataques*. “[...] em território favorável, Rajoy não se conteve em seus ataques à ministra, a quem inclusive outorgou o papel de agourenta”.

Nesse caso, a eleição por parte do jornalista de um determinado verbo *dicendi* condiciona a interpretação; de fato, um bom número de verbos da língua “incluem uma informação que condiciona diretamente a maneira como o receptor interpretará o discurso citado, e impõem, portanto, uma determinada leitura ao destinatário”

¹⁵ Itálico da autora.

(MALDONADO, 1999: 3559; cf. igualmente CASADO, 2010: 71-74)¹⁶. A partir do verbo *dicendi* que introduz as palavras do outro enunciador, com frequência, cria-se uma anáfora que figura como um substantivo deverbal relacionado semântica e lexicamente ao dito verbo de enunciação. Em (5), a anáfora *os ataques* mantém essa relação léxica e semântica com *atacar*. Então, a interpretação metafórica não está na anáfora conceptual, mas no verbo que introduz um ato linguístico, embora a anáfora reforce uma determinada linha argumentativa¹⁷.

Por outro lado, em (8), é o sintagma anafórico *dessa porta aberta* que metaforicamente categoriza de modo positivo um discurso alheio que se reproduz na notícia. Ainda que Borreguero (2006: 76) considere que qualquer sintagma nominal pode realizar a função de encapsulador se coincidem determinadas circunstâncias – isto é, fora do contexto não é possível considerar nenhum sintagma nominal como encapsulador –, convém sublinhar que dificilmente encontraremos, com função de encapsulador, nomes comuns concretos como *cadeira*, *porta*, *livro* etc.¹⁸ Em seu trabalho sobre encapsulação anafórica, Conte (1996: 2) mostra com êxito – sobre a base da classificação antológica de entidades e expressões nominais de Lyons (1977: 387-390) – que os encapsuladores têm como antecedente entidades de ordem mais alta que a dos objetos físicos, que são entidades de primeira ordem¹⁹ (cf. GONZÁLEZ, 2009: 255-256). Então, existe somente uma possibilidade de que um substantivo como *porta* funcione como anáfora, e é precisamente a que aqui nos interessa: o uso

¹⁶ Cf. igualmente Escribano (2009: 16), que destaca o fato de que, nos textos informativos, o jornalista “deve transmitir as palavras do autor das declarações, mas também tem de se fazer porta-voz da força ilocutiva (o destaque é nosso) contida nelas, e, portanto, de suas intenções”. Nessa eleição, é de onde se mostra a subjetividade, “já que não se trata somente de informar o que se disse, mas também de interpretar a intenção que se oculta por detrás das declarações ou a maneira como estas se realizaram”.

¹⁷ Estamos aqui diante do que Verschueren (1985: 34) denomina metáforas metapragmáticas, que derivam dos termos metapragmáticos, constituídos principalmente pelos “inventário de ações linguísticas verbais” (“the inventory of linguistic action verbals, i.e. the verbs and verb-like expressions used to describe (aspects of) linguistic action”). Nesse sentido, “o conjunto das metáforas metapragmáticas no uso corrente de uma comunidade linguística põe luz sobre fatos fundamentais sobre a concepção da atividade linguística nos termos de como os membros dessa comunidade interagem e percebem e interação verbal” (1985: 39) (the set of metapragmatics metaphors in current use in a language community highlights fundamental facts about the conception of linguistic activity in terms of which the members of that community interact and perceive verbal interaction”). Veja, adiante, a epígrafe 3.2.

¹⁸ De fato, no caso dos encapsuladores, a entidade do antecedente é muito particular se comparada com a de outros processos anafóricos, pois o antecedente de um encapsulador costuma ser um processo – no caso que nos ocupa, um processo verbal. Por essa razão, dificilmente os substantivos que designam nomes comuns podem funcionar como etiquetas resumitivas do exposto anteriormente.

¹⁹ Relembremos que são consideradas entidades de segunda ordem aquelas que se localizam no tempo e que têm lugar no espaço: eventos, processos, circunstâncias etc., por sua vez, as entidades de terceira ordem são aquelas entidades abstratas como as atitudes proposicionais (esperança, crença, juízo etc.) e os atos de fala (LYONS, 1977: 387-390).

metafórico. Em um caso como este, a metáfora permite utilizar um substantivo que se refere a um objeto físico para designar uma entidade e categorizá-la como outra mais complexa – na realidade, como se pertencesse à segunda ou terceira ordem. O sintagma nominal *dessa porta aberta*, que aparece no exemplo (7), categoriza a realidade como pertencente a uma entidade de segunda ordem (*um processo verbal*).

As palavras pronunciadas por um enunciador que não é o próprio jornalista são interpretadas positivamente por este. Como sugere Escribano (2009: 18), o autor da notícia pode ser fiel ao *dictum*, mas também pode eleger o *modus*, a forma como foi exposto o dito. Entretanto, o leitor não encontra dificuldade em inferir o conteúdo pragmático do encapsulador metafórico: de um lado, por se tratar de uma metáfora lexicalizada²⁰; de outro, graças à “busca de uma saída”, mencionada no primeiro parágrafo. A metáfora conceptual que subjaz na interpretação do texto é a de UM PROCESSO (POLÍTICO) É UM CAMINHO. O conflito que surgiu no cerne do processo categoriza-se como um recipiente fechado cuja saída (a porta) pode estar no dito por alguém²¹.

Como se pode comprovar nos depoimentos apresentados, especialmente nos casos em que a nominalização ou o substantivo deverbal não mantém relação semântica ou léxica com um predicado anterior, como era o caso de *dessa porta aberta*, “[o] encapsulador etiqueta [...] um ato linguístico convertendo-o numa entidade nova, em termos de sua designação (não em seu conteúdo), para o leitor” (BORREGUERO, 2006: 87). Isso significa que existiu interpretação por parte do jornalista e que, portanto, as inferências que o leitor realiza foram guiadas implicitamente pelo autor da notícia.

²⁰ No DRAE (2001, s.v. porta), retoma-se o significado lexicalizado desde emprego metafórico: ‘Caminho, princípio ou entrada para dar início a uma pretensão ou outra coisa’. O grau de lexicalização de uma metáfora é um tema amplamente discutido (cf. LLAMAS, 2005). Certamente, as expressões de origem metafórica plenamente lexicalizadas perderam sua carga axiológica. Porém, em consonância com as teses cognitivistas, uma unidade léxica ou fraseológica que forma parte de uma determinada metáfora conceptual pode voltar a ser sentida como metafórica se, em volta dela, se seguem criando expressões que ainda não estão lexicalizadas.

²¹ Lakoff e Johnson (1980: 25-32) consideram que as atividades podem ser entendidas metaforicamente como recipientes. A metáfora do recipiente é uma das metáforas fundamentadas em nossa experiência: “Nós somos seres físicos, limitados e separados do resto do mundo pela superfície de nossa pele, e experienciamos o resto do mundo como sendo externo a nós” (LAKOFF; JOHNSON, 1980: 29). (“We are physical beings, bounded and set off from the rest of the world by the surface of our skins, and we experience the rest of the world as outside of us. Each of us is a container, with a bounding surface and in-out orientation”).

3.2. METAFORIZAÇÃO DO DITO E DA INTENÇÃO DO FALANTE

Anteriormente, referi-me à possibilidade de a anáfora categorizar tanto o conteúdo do dito quanto a intenção com que o falante pronunciou suas palavras. Em ambos os casos, o locutor interpreta o discurso alheio. Com maior frequência, encontram-se exemplos de anáforas que resumem metaforicamente a intenção com que se proferiu um enunciado. No caso que se segue, a intervenção do chefe superior da Polícia metáforiza-se no âmbito de um conflito bélico – UMA DISCUSSÃO É UMA GUERRA –, no qual essa pessoa sente-se atacada e se defende com um contra-ataque verbal. Repare que o jornalista inclui ao núcleo do sintagma o adjetivo *verbal*, já que o termo contra-ataque não se coloca tão fortemente lexicalizado como o *ataque* do exemplo (5)²²:

(9) O chefe superior da Polícia na Andaluzia Ocidental, Enrique Álvarez Riestra, rompeu ontem o silêncio que vem mantendo nos últimos meses [...]. O responsável máximo pelo Corpo Nacional da Polícia em Sevilha, Huelva, Cádiz e Córdoba aproveitou um ato de despedida de agentes jubilados para atacar os que o criticam [...]. “*Vão falar de mim os que acreditam que enfraquecendo a Polícia estão enfraquecendo o governo atual*”, advertiu Álvarez Riestra ao seu público. [...] Sem nomear nenhum caso concreto, o chefe superior da Polícia lançou **seu contra-ataque** verbal e defendeu o trabalho da corporação e de seus investigadores, de quem se mostrou “orgulhoso”. (El Mundo, 08/01/2010)

No depoimento seguinte, exemplo (10), encontramos também o encapsulador *contra-ataque*. Desta vez, porém, sem o adjetivo *verbal* e com a peculiaridade de não se encontrar em função anafórica e sim catafórica, pois remete às palavras de Jordi Pujol, que aparecem na sequência. A função catafórica desses elementos é menos frequente, mas, no entanto, apresentam as características mostradas previamente para os encapsuladores (cf. § 1).

(10) O ministro defende a idoneidade de localizar a estação junto à zona urbana de Girona e afirma basear-se em “estudos e censos de mobilidade e demanda que realizamos e que nos mostram quem vai utilizar o trem e aonde querem ir”. Para o ministro, tentar colocar a estação de TAV próximo ao aeroporto, baseado no argumento de que, no Charles de Gaulle de Paris, foi feito assim, é “puro arbitrarismo ou um simples motivo megalomaniaco”. **O contra-ataque** do subprefeito, Jordi Pujol, veio poucas horas depois das palavras de Borell. Ao terminar uma reunião com responsáveis de seu partido em Baix Llobregat, o dirigente nacionalista afirmou que Borell “tem sido um ministro pouco colaborativo com a Catalunha e um mau ministro”. E completou: “Nós estivemos trabalhando com o TAV quando eles não queriam fazê-lo.” (La Vanguardia, 16/10/1995)

²² Veja DRAE (2001, s.v. contra-ataque): ‘Reação ofensiva contra o avanço do inimigo, de um rival ou de uma equipe oposta’.

Embora a metáfora bélica mostrada nos exemplos anteriores pode ser considerada lexicalizada – ainda que esse fato não a faça perder, segundo creio, sua carga valorativa –, o jornalista faz uso também de outras mais expressivas precisamente por seu emprego não frequente. A anáfora *puxão coletivo* do exemplo a seguir remete a um conjunto de críticas às falas de Rajoy a respeito do aquecimento global. Aqui o jornalista resume diferentes atos de fala pronunciados por vozes alheias e, segundo a definição do substantivo *puxão*²³, qualifica esses atos como bruscos e inesperados:

(11)O ilustre Prêmio Nobel da Paz 2007 realizou a conferência inaugural do congresso econômico Inmas Forum. [...] se lamentou pela falta de interesse da classe política mundial em lutar contra o aquecimento global; e em suas muitas alusões à situação em nosso país alfinetou: “*Vejo muitos cétricos na Espanha*”, em referência a Rajoy. [...]. Do Governo e dos partidos de esquerda também foram lançadas críticas contra Rajoy. O chefe do Executivo, José Luis Rodríguez Zapatero, que se encontrava em Palma de Mallorca, esquivou-se de fazer um comentário direto e se limitou a reafirmar seu compromisso com a luta contra o aquecimento global. Entretanto, o secretário de Estado de Comunicação, Fernando Moradela, que o acompanhava, declarou que “*para que o PP reconheça as mudanças climáticas*” deve haver “*uma mudança de líder da oposição*”. Por sua vez, a vice-presidenta María Teresa Fernández de la Vega, disse que Rajoy demonstra uma “*visão por cima*” e quer abordar o problema “*como numa reuniãozinha de café da tarde, com anedotas de importância duvidosa*”. O ministro do Interior, Alfredo Pérez Rubalcaba, o tachou de “*indolente e frívolo*” e assinalou que suas palavras são “*um comentário para clube provinciano do século XIX*”. No PSOE, seu secretário de Organização, José Blanco, se uniu ao **puxão coletivo** e qualificou as declarações como “disparate” e disse que a atitude do PP nesses casos é “não fazer nada”. (ABC, 25/10/2007)

No fragmento (11), além do que o jornalista transmite mediante uma metáfora com a qual se faz corresponder as pessoas com o comportamento de um touro, encontramos outro direcionamento subjetivo não implícito na própria seleção das intervenções dos diferentes interlocutores. Escribano (2009: 13) assinala que, no caso das citações diretas, é possível ocultar facilmente a subjetividade do jornalista, “talvez porque o receptor só percebe que nelas se reproduz literalmente as palavras do emissor e não percebe a mediação que pressupõe a seleção de um fragmento do discurso dentro de sua totalidade”²⁴. Por essa razão, produz-se uma dupla interpretação do ato de fala: em primeiro lugar, porque existe uma eleição prévia de uma parte do dito – aquela que o autor da notícia considerou mais significativa; em

²³ Tomo esse exemplo de González (2008: 254-255), que em seu trabalho indica a natureza metafórica desse substantivo que o DRAE (s.v. *arreón*) define como ‘Arrancada brusca e inesperada do touro’. Nota do tradutor: Em português, a palavra ‘puxão’ é utilizada com sentido similar no mesmo contexto para designar investidas inesperadas do touro.

²⁴ Veja igualmente o trabalho de Reyes (1993) a respeito do estilo direto e indireto como procedimentos de citação. Para um estudo mais detalhado das citações diretas nos textos jornalísticos, remeto a Méndez (2000) e López Pan (2002).

segundo, por resumir e valorar metaforicamente o modo como esse ato de fala foi proferido mediante uma determinada anáfora conceptual: *puxão coletivo*.

Em outras ocasiões, como se mostra em (12), parece ser antes o conteúdo do dito que propicia a eleição de determinada anáfora metafórica. O intercâmbio verbal se categoriza como uma tormenta, de modo que nos deparamos com um evento pertencente à esfera política que se representa por meio de um substantivo que designa um fenômeno de um domínio diferente: o âmbito atmosférico. Nesse novo caso, *essa tormenta* retoma, resume e valora metaforicamente o conjunto de atos de fala que um grupo político intercambiou no percurso de um processo político:

(12) O presidente andaluz pediu a Monteseirín que conclua o mandato, e o conselheiro, que não se encontra satisfeito e pretende abandonar o cargo em alguns dias, lhe coloca como condição que o candidato para as eleições municipais seja Alfonso Rodríguez Gómez de Celis. Se Griñán aceitar essa cartada, o alcaide segue. [...] Nesse contexto, o presidente regional se viu obrigado ontem a partir para o enfrentamento e fazer uma convocatória ao seu partido para “colocar um ponto final” no debate sobre se Monteseirín “vai agora ou não” ao este ser “uma discussão improdutiva que não deve ser realizada nem deve estar nos meios de comunicação”. Um pouco tarde para Griñán, cujas palavras foram precisamente as que geraram **essa tormenta**. Em declarações ao Ser, o responsável do Executivo autonômico defendeu o “direito legítimo” de Monteseirín de expor a reflexão de que três mandatos consecutivos são “suficientes” e que não deseja aspirar a um quarto, mas destacou que “outra coisa é que levantamos a questão de que se deixa neste momento a prefeitura ou não”. (ABC, 10/03/2010)

De qualquer forma, não parece casual a eleição do encapsulador *tormenta*, que, de um lado, designa uma ‘perturbação atmosférica violenta acompanhada de atividade elétrica forte, chuva, neve ou granizo’, mas, de outro, faz referência a uma ‘perturbação ou agitação em algum aspecto da organização política, econômica ou social’²⁵. De fato, é evidente que o jornalista segue a ideologia determinada por seu jornal para apresentar com uma direção valorativa as discordâncias existentes dentro de um partido político, destacadas por meio do intercâmbio verbal.

A seguir, apresentamos uma notícia em que o encapsulador *fogo cruzado* metaforiza o conteúdo de vários atos de fala proferidos por dois treinadores de times de futebol rivais, Cruyff e Beenhakker. Novamente, é no âmbito da metáfora conceptual UMA DISCUSSÃO É UMA GUERRA que o redator elege uma determinada anáfora. Nesse caso, as palavras correspondem-se com o fogo cruzado

²⁵ Cf. no DRAE, as acepções 1 do v.s. *tormenta*. Do ponto de vista etimológico, a acepção que faz referência à perturbação do ânimo ou social é anterior à que designa o tempo atmosférico; porém, como informa o dicionário, a de uso mais frequente é esta última, o que nos leva a pensar que o falante atual sente como metafórico o emprego tormenta política. O adjetivo o serve, efetivamente, para assinalar o âmbito em que o leitor deve interpretar o conteúdo do termo.

que em um conflito bélico ‘se dispara contra um alvo a partir de vários lados, geralmente opostos’ (DRAE, s.v. *fogo cruzado*):

(13) “*Nós temos um sistema de jogo e não pretendemos mudá-lo*”, disse Cruyff quando advertido se não seria um suicídio jogar contra o Madrid da mesma forma como planejou a partida da Copa frente ao Atlético, isto é, sem uma defesa livre. “*As falhas daquela partida*”, explica, “*não foram culpa da defesa, mas do centro do campo*”. Cruyff, assim como a maioria dos seus jogadores, prefere que Butragueño esteja no banco. Essa preferência causou uma polêmica com Beenhakker, que respondeu dizendo que ele não substituiria Lineker. O treinador madrilenho qualificou o técnico azulgramista de “*pobre homem*”. “*Cumprimentarei Cruyff*”, afirmou ontem Beenhakker, “*porque somos pessoas inteligentes*”. “*Essas partidas*”, acrescentou, “*sempre estão rodeadas de polêmicas*”. **O fogo cruzado** entre os técnicos, as eleições azulgramistas, as mudanças na partida e a presença de Romerito, criticada pelos jogadores madrilenos e mal recebida pelos suplentes azulgramistas, criaram tal ambiente que lotará o Camp Nou pela primeira vez nos dois últimos anos.

De fato, a metáfora UMA DISCUSSÃO É UMA GUERRA tem caráter estrutural (LAKOFF; JOHNSON, 1980: 61-68), e nela os distintos elementos de uma conversação se correspondem com os de uma guerra: participantes, sequenciação, objetivo etc. Nesse caso, as próprias palavras equivalem ao fogo disparado entre os interlocutores, e o conteúdo do dito por ambas as partes é julgado pelo jornalista como capaz de ferir a quem escuta. Em depoimentos como o anterior (13), em que os redator da notícia emprega uma determinada anáfora para resumir e remeter ao conteúdo de um discurso alheio categorizando-o metaforicamente, é admissível a dificuldade de desvencilhar a carga axiológica ligada à eleição do sintagma da própria valoração pressuposta nas palavras pronunciadas. Então, há de se distinguir aquelas anáforas que servem ao periodista para valorar subjetivamente a intenção com que se pronuncia um ato linguístico daquelas em que o redator, mesmo metaforicamente, resume o conteúdo em si mesmo valorativo, de um ato verbal.

4. GRAMÁTICA E POLIFONIA: INTERPRETAÇÃO DO DISCURSO ALHEIO.

Como se pode observar nos exemplos oferecidos, o núcleo do sintagma nominal que funciona como encapsulador permite *cosificar* ou *retificar* um processo verbal (ITURRIOZ, 1985, apud GONZÁLEZ, 2009: 258). Assim, por meio desse procedimento, um novo referente é introduzido – posto que metaforicamente uma realidade foi recategorizada (nesse caso, um ato linguístico) – que proporciona um espaço discursivo em que se desenvolvem novas informações ou argumentos. Em resumo, a anáfora metafórica permite interpretar uma ideia exposta previamente ao

mesmo tempo em que cria um âmbito textual em que é possível se encontrarem distintas expressões dependentes de uma mesma metáfora conceptual²⁶. Detenhamo-nos na notícia seguinte:

(14)O Banco Central Europeu considera que *a desaceleração econômica na zona do euro agravou-se no último trimestre de 2001 e já se encontra em curso para alcançar todo seu potencial no final de 2002. Mas o banco adverte que os Doze só podem esperar nesse momento um crescimento de apenas 2,5%, pois a estrutura da economia europeia não permite aspirar a mais. A Cúpula de Barcelona é um bom passo para modernizar a economia mas é preciso um ritmo mais veloz e mais ambicioso.* Otmar Issing, membro do comitê executivo do BCE, compareceu ontem diante da comissão de Assuntos Econômicos do Parlamento Europeu para expressar **esse diagnóstico** sobre a evolução econômica. Issing citou a fuga dos investimentos europeus para os Estados Unidos como exemplo de CHAGAS DE QUE PADECE²⁷ a zona do euro. “Não podemos obrigar ninguém a investir aqui”, lembrou o alemão. “Há de se fazer que a zona do euro seja mais atrativa”. (Cinco Dias, 21/03/2002)

As considerações do Banco Central acerca da situação econômica, formuladas por Otmar Issing e retomadas no texto por meio do estilo indireto, são categorizadas metaforicamente pelo jornalista como um diagnóstico. O âmbito conceptual é o seguinte: o Banco Central é o médico que efetua o diagnóstico acerca do processo econômico, categorizado aqui como uma enfermidade. Tal âmbito permite progredir na estrutura argumentativa e considerar que na economia da zona do euro permanecem *chagas de uma doença*. No entanto, parece que a eleição da anáfora metafórica por parte do jornalista está motivada pelo denominado “jornalismo de declarações” (VÁZQUEZ, 2006)²⁸, que prioriza o dito sobre o fato e leva em algumas ocasiões a interpretar como discurso jornalístico o que, na realidade, é o discurso alheio. De fato, a partir do termo *chaga*, retirado das palavras pronunciadas por Otmar Issing, o autor inclina-se a condensar a informação anterior no encapsulador *esse diagnóstico*.

Esse tipo de anáfora que exemplificamos no decorrer destas páginas, ao apresentar o tópico discursivo como resultado de uma interpretação, permite a

²⁶ Alguns autores equiparam esse fato com as cadeias nominais (CONTE, 1988: 75, apud BORREGUERO, 2006: 78), formadas por todos os termos que, em um texto, fazem referência a uma mesma realidade. Não obstante, no caso da anáfora conceptual, os elementos integrantes da cadeia nominal “não se referem a uma entidade física particular (uma pessoa, objeto), mas a um acontecimento complexo que não foi apresentado previamente como uma entidade particular” (BORREGUERO, 2006: 81).

²⁷ Nota do tradutor: Maiúsculas da autora.

²⁸ O trabalho de Escribano (2009) analisa os aspectos linguísticos desse periodismo de declarações que funcionam como recurso persuasivo. Da mesma forma, a autora atenta para o modo como, em outros tipos de discursos (por exemplo, o político e o publicitário), reproduzem-se no texto, também com funções persuasivas, as palavras alheias.

progressão do discurso no campo de uma mesma anáfora conceptual. O jornalista incorpora novos termos figurados que aparentemente justificam-se pelo emprego prévio da anáfora metafórica, de modo que a valoração não se encontra exclusivamente na categorização que o encapsulador realiza, mas na argumentação que se desenvolve no conjunto do texto.

Em termos do aqui exposto, deduzimos que a interpretação do elemento anafórico e, conseqüentemente, a interpretação dos distintos elementos de um ato linguístico – tanto das intenções do enunciador como do conteúdo do próprio enunciado – exige de quem recebe o texto uma tarefa de reconstrução de maior ou menor complexidade. Daí que a anáfora conceptual, em termos gerais, denomina-se também *anáfora pragmática*. Nas palavras de Conte (1996: 3), “categorização e avaliação são operações cognitivas e emotivas relevantes do falante”²⁹. Dessa forma, a categorização metafórica de um determinado ato linguístico converte-se em um mecanismo de manipulação informativa. O jornalista, ao selecionar um determinado sintagma nominal metafórico, apresenta seus próprios juízos de valor, de modo que sutilmente se introduz na etiqueta elegida uma aproximação subjetiva do processo verbal.

Além disso, nas anáforas conceptuais de natureza metafórica, contrariamente ao que se possa apensar, o trabalho de reconstrução por parte do intérprete não é difícil, posto que a compreensão depende do conhecimento de mundo e das ideias acerca da realidade que tanto o jornalista quanto o leitor compartilham. Assim, a interpretação poder ser alcançada facilmente não significa que não exista carga valorativa. Como sugere Schmid (2000), o falante aproxima-se do dito anteriormente não somente como uma entidade – dentro do processo de nominalização – mas como a entidade que quis o escritor.

Por fim, como sugere González (2010: 142) a respeito do fenômeno da nominalização, “se o enfocamos em termos polifônicos, o jornalista apresenta uma categorização subjetiva sobre o “disfarce” de uma formulação que se associa a uma voz coletiva, impessoal”. Na anáfora conceptual metafórica – frequentemente, do ponto de vista gramatical, produto de uma nominalização –, a anáfora categoriza subjetivamente uma realidade tanto nos casos em que se interpreta o dito como naqueles em que se interpreta a intenção com a qual alguém pronunciou suas palavras. O jornalista, tal qual o locutor (cf. DUCROT, 1986), adere então ao ponto de

²⁹ “Categorization and evaluation are relevant cognitive and emotive operations of the speaker”.

vista do enunciador que a anáfora – nesse caso, metaforicamente – representa. O grau de valoração pode ser maior ou menor, mas parece claro que está sempre presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AZPIAZU, S. *Las estrategias de nominalización*. Frankfurt: Peter Lang, 2004.
2. BORREGUERO, M. Naturaleza y función de los encapsuladores en los textos informativamente densos (la noticia periodística). In: *Cuadernos de Filología Italiana*. 13, 73-95, 2006.
3. CASADO VELARDE, M. Algunas estrategias para la desautorización del discurso ajeno en la prensa. In: PASAMAR, C. M. (Ed.). *Estrategias argumentativas en el discurso periodístico*. Frankfurt: Peter Lang, 69- 85, 2010.
4. CONTE, M. E. Anaphoric encapsulation. In: *Belgian Journal of Linguistics*. n. 10, 1996. p. 1-11.
5. CUENCA, M. J.; HILFERTY, J. *Introducción a la lingüística cognitiva*. Barcelona: Ariel, 1999.
6. D'ADDIO COLOSIMO, W. Nominali anaforici incapsulatori: un aspetto della coesione lessicale. In: DE MAURO, T. *et al.* (Eds.). *Dalla parte del ricevente: percezione, comprensione, interpretazione. Atti del XXVI Convegno Internazionale di Studi della Società di Lingüística Italiana*. Roma: Bulzoni, 1988. p. 143-151.
7. DESCOMBES DENERVAUD, M.; JESPERSEN, J. L'ánaphore conceptuelle dans l'argumentation écrite. In: *Pratiques*. n. 73, 1992. p. 79-95.
8. DUCROT, O. *El decir y lo dicho: polifonía de la enunciación*. Trad. de Irene Agoff. Barcelona: Paidós, 1986.
9. ESCRIBANO, A. *Las voces del texto como recurso persuasivo*. Madrid: Arco/Libros, 2009.
10. GONZÁLEZ RUIZ, R. Las nominalizaciones como estrategia de manipulación informativa en la noticia periodística: el caso de la anáfora conceptual. In: OLZA, I. *et al.* (Eds.). *Actas del XXXVII Simposio Internacional de la SEL*. Pamplona: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra, 2008. p. 247-259.
11. _____ Algunas notas en torno a un mecanismo de cohesión textual: la anáfora conceptual. In: PENAS, M.^a Azucena; GONZÁLEZ,

- Rosario. (Eds.). *Estudios sobre el texto*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2009. p. 247-278.
12. _____ Gramática y discurso: nominalización construcción discursiva en las noticias periodísticas. In: PASAMAR, Concepción Martínez. (Ed.). *Estrategias argumentativas en el discurso periodístico*. Frankfurt: Peter Lang, 2010. p. 119-146.
 13. HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Arnold, 1994.
 14. ITURRIOZ, J. L. Abstracción sustantiva. Reiicación de contenidos proposicionales. In: MELENA, J. L. (Ed.). *Symbolae Ludovico Mitxelena Septuagenario Oblatae*. Vitoria: Universidad del País Vasco, Instituto de Ciencias de la Antigüedad, vol I, 1985. p. 395-414.
 15. JOHNSON, M. *The Body in the Mind. The Bodily Basis of Meaning. Imagination, and Reason*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
 16. KÖVECSES, Z. The Scope of Metaphor. In: BARCELONA, A. (Ed.). *Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 79-92.
 17. _____ *Metaphor: a practical introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
 18. LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
 19. LLAMAS SAÍZ, C. *Metáfora y creación léxica*. Pamplona: Eunsa, 2005.
 20. _____ (2010). Argumentación en la noticia periodística: e caso de la anáfora conceptual metafórica. In: PASAMAR, C. M. (Ed.). *Estrategias argumentativas en el discurso periodístico*. Frankfurt: Peter Lang, 2010. p. 147-170.
 21. LÓPEZ PAN, F. Las citas directas en el periodismo escrito. Literaridad y objetividad a la luz de los estudios lingüísticos. In: *Comunicación y Sociedad*. n. 15/2, 2002. p. 79-93.
 22. LYONS, J. *Semantics*. Massachusetts: Cambridge University, 1977.
 23. MALDONADO, C. Discurso directo y discurso indirecto. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Dirs.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa, vol. III, 1999. p. 3549-3595.

24. MÉNDEZ G.^a DE PAREDES, E. La literalidad de la cita en los textos periodísticos. *Revista de la Sociedad Española de Lingüística*. n. 30/1, 2000. p. 147-167.
25. MOIRAND, S. Le rôle anaphorique de la nominalisation dans la presse écrite. In: *Langue Française*, n. 28, 1975. p. 60-78.
26. MUSOLFF, A. *Metaphor and political discourse. Analogical reasoning in debates about Europe*. New York: Palgrave Macmillan, 2004.
27. PELO, A. I nomi generali nella lingua dei giornali italiani. In: LITCHEN, K. *et al.* (Eds.). *Parallela 2. Aspetti della sintassi dell'italiano contemporaneo*. Tübingen: Gunter Narr, 1986. p. 205-214.
28. REYES, G. *Los procedimientos de cita: estilo directo y estilo indirecto*. Madrid: Gredos, 1993.
29. SCHMID, H. *English abstract nouns as conceptual shells: from corpus to cognition*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.
30. SINCLAIR, J. M. Written discourse structure. In: SINCLAIR, J. *et al.* (Eds.). *Techniques of Description. Spoken and written discourse*. London: Routledge, 1983. p. 6-31.
31. VÁZQUEZ BERMÚDEZ, M. A. *Noticias a la carta. Periodismo de declaraciones o la imposición de la agenda*. Sevilla: Comunicación Social, 2006.
32. VERSCHUEREN, J. *International News Reporting: metapragmatic metaphors and the U-2*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1985.

ABSTRACT: Persuasion in informative texts is produced through implicit linguistic resources. One example, relatively frequent in news articles, is the metaphoric conceptual anaphora. By means of this process, which addresses that previously expressed in the text, the journalist can also make a reference to the aforementioned words through others and to the intention with which these words have been put forth. The study of this phenomenon, as well as the testimonies obtained from the Spanish press, show how the metaphor allows the author of the news to conceive and also interpret a linguistic act from a different reality, and on occasions, with a notably valued charge.

Keywords: Discourse; Interpretation; Metaphor; Conceptual Anaphora; Speech Acts.